

BENI DYA MBAXI

OLHAS
PARA TRÁS

PARA
ONDE
VAIS

E BEM
SE

DE OLHAS
PARA
TRÁS

QUANDO
NÃO OLHAS
PARA TRÁS



Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrônico, ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado – além do uso legal como breve citação em artigos e críticas – sem prévia autorização do autor.

Direitos reservados língua portuguesa (Portugal) 1.ª Edição, 2020 Copyright © autor e a editora

Título: Quando Não Olhas Para Trás

Autor: Beni Dya Mbaxi

E-mail: benidyambaxi7@outlook.com

Facebook: Escritor Beni Dya Mbaxi

Telef.: +244 925 470 545

Editor: JEZ” Editora Digital.

Colaboração: Henriques Sungo e JEZ

1ª Edição: Dezembro/ 2018

Instagram: Escritor_Beni_00

ISBN: 978-1-78972-579-7

À minha querida avó, Maria Augusto Manuel Mabacala (Em memória). Dedico-lhe este livro por ser uma mulher muito especial na minha vida. Com ela passei os melhores momentos, felizes e tristes. Ela foi minha companheira e sempre será a minha MULHER

“ O conselho é um estranho; se ele for bem-vindo, fica para passar a noite. Se não, vai embora no mesmo dia”.

UNIVERSIDADE

Os três anos que estudei na escola Óscar Ribas, foram incríveis, fiz muitas amizades, fizemos muitas loucuras, mas chegou o último ano e as coisas começaram a ficar sérias para os estudantes daquela minha ex e querida sala 01, do período da manhã, último ano, décima segunda, no curso de Ciências Económica e Jurídicas.

Todos na minha sala sabiam claramente o que seguiriam na universidade, no ano seguinte, e eu claro nem cheguei a pensar o que faria, pois nem tinha ideia de como era uma universidade. Ouvia muito à minha mãe a falar sobre a mesma e parecia muito empolgada; parecia que seria ela a entrar numa universidade, enquanto que para mim, nunca queria ver o ano lectivo no Óscar Ribas a terminar. Mas, infelizmente, terminou. Chegou o ano 2015, e como era óbvio, tinha que fazer o teste em uma universidade, e os meus familiares sugeriram-se a Universidade Metodista de Angola. Não tinha como negar e a única solução era mesmo fazer os testes.

Foram dois exames; um de Língua Portuguesa e o outro de Inglês. Tive sete valores no exame de Língua Portuguesa

e dezasseis no inglês e fui admitido, coisa que eu nem queria. Chegou o dia esperado, dia 3 de Março de 2015, primeiro dia de aulas e para deixar-me mais desmotivado, calhei no turno da tarde, com o sol infernal que Luanda oferta, confesso que no princípio nem dava-me vontade de ir à universidade, ocupava mais o meu tempo jogando futebol com alguns amigos que hoje jogam no campeonato angolano, o famoso Girabola. Era frequente essa rotina, que cheguei ao ponto de receber puxões de orelha por parte da minha mãe, como se fosse uma criança. Tive que seguir os conselhos dela e fazer a minha parte, dar mais atenção à universidade e quando estivesse totalmente livre, o futebol.

No dia seguinte, fui à universidade, passei pela reprografia da universidade, recebi o horário e estava marcado o número da sala 302, no Edifício da Igreja, curso de Língua portuguesa e comunicação e eu não conhecia nada, pois era à minha terceira vez à ir para aquele lugar, como azarado que sou, enganei-me com o edifício, fui para sala 302 do Edifício principal, no curso de Engenharia. Sem me apercebendo que estava na sala e no curso errado, eu era o único estudante na sala. Logo, entrou uma professora linda, pela fisionomia parecia ser europeia, era muito branca.

— Boa tarde! Sou a professora Lara, serei a professora da cadeira de Física e tu serás o delegado na minha cadeira, por seres único e primeiro — Disparou com um sorriso leve.

— Acho que é engano professora, é que sou de um outro curso e estou na sala e no curso errado! Minhas sinceras desculpas, professora. — Respondi saindo de lá às pressas procurando ajuda para que alguém pudesse indicar à minha sala de aula.

Por sorte, alguém ajudou-me a chegar a sala. Chegando lá, tudo para mim era muito estranho, vi jovens bonitas, bem cheirosas e muito atenciosas à aula, perguntava-me se era mesmo aquilo que queria, pois era um ambiente totalmente diferente do que me era habitual. Tudo para mim naquele momento era estranho, desde o professor, a aula e o ambiente em si.

Não entendia nada que o professor dizia, mas parece que a maioria percebia. Um dos colegas da turma, chamou-me atenção, pelo facto de ser diferente de muitos, pois ele não tinha um bom telefone e nem roupa nova, e eu disse este é igual a mim; era o Augusto, e na hora do intervalo, todos saíram para comer, enquanto eu e o Augusto estávamos a trocar as primeiras impressões. Vimos os colegas a subirem as escadas com seus bons lanches, e nós resolvemos comprar qualquer coisa para comermos, pensamos que fosse barato, e encontramos lá alguns colegas comendo e achamos perguntar o preço que não “eram religiosos”, como o nome da universidade. Compramos apenas um pastel de cem kwanzas e repartimos ao meio. Enquanto comíamos, eu não parava de olhar para os colegas com ouro no pescoço e

roupas de marcas, coisa que deixava-me um pouco desconfortável, mas quando olhava ao meu lado estava alguém igual a mim e isso motivava-me para continuar naquele lugar estranho, este era o Augusto e depois conheci também o Edgar e outros, foram os motivos que fizeram-me continuar...

VÍRGEM MARLENE

Órfã de mãe desde os seus dez anos de idade, moradora do município do Cazenga, bairro da Congeral, Marlene morava com o seu pai, o famoso “Ti Ferro”, nome dado pela sua grande habilidade de resolver os problemas daquela população, ligados à electricidade. A Marlene era uma menina praticamente criada pelos vizinhos, de tom de pele clara, cabelos longos e quase crespos, características físicas herdadas pela falecida mãe, pois a mesma era de descendência portuguesa; naquele bairro a chamavam Marlene de “Mulata”, ela e o seu pai viviam em uma situação de pobreza extrema, embora que o seu pai economizava o pouco salário que recebia, com o objectivo de acumular um milhão de kwanzas para viajar ao Brasil, atrás do seu grande amor, que conhecera na adolescência antes de engravidar à mãe de Marlene.

A Marlene alimentava-se em casas dos vizinhos e passava mais tempo nas mesmas do que na sua, pois não havia como divertir-se, por causa das situações que passavam em sua casa de chapa de zinco, apenas tinham cadeiras brancas e algumas panelas pretas retidas pela fumaças das lenhas, que eles acendiam todas às manhãs para ferverem o Chá Caxinde, e algumas vizinhas admiravam a

inteligência da menina Marlene, ela nunca frequentou uma escola, mas aprendia com os filhos dos vizinhos que iam à escola. O seu pai nunca pensou em matricular a Marlene em uma escola, pois, estava obcecado em resolver a questão da viagem para o Brasil e todo o dinheiro que recebia, investia naquele sonho.

Todas às noites, o pai e a filha jantavam bolacha água e sal com sumo Foster Clark`s, sabor de Manga, que era o preferido deles. Em uma das noites, quando o Ti Ferro vinha do serviço cansado, era habitual sempre que o mesmo chegasse encontrar à filha em casa, mas naquele dia não a encontrou; logo, foi à casa da vizinha onde a Marlene ia com mais frequência e a encontrou sentada em um círculo onde estavam várias crianças, e as mesmas estavam com os pratos repletos de comidas.

A menina Marlene quando viu o seu pai, deixou o prato e correu logo aos seus braços e juntos foram em direção a humilde casa de chapa. Chegando lá, o pai decidiu contar a ela que apenas faltavam dois dias para que as vidas deles mudasse e beijo-a na testa e a Marlene parecia estar contente com a notícia e minutos depois adormeceu. Enquanto dormia, o seu pai organizava os documentos e naquele momento, ouviu um barulho estranho que agitou as chapas, quando tentou levantar para ver, quatro homens mascarados com botas e armados arrombaram a porta de chapa e entraram, empurraram-lhe e apontaram a arma, e

diziam para dar todo dinheiro que guardara; naquele mesmo instante, Marlene despertara e cheia de medo, viu os homens intimidadores. Um dos bandidos disse que se ele não dê-se o dinheiro levariam Marlene. Pensou que o pai daria o dinheiro com aquela ameaça, mas o pai não o fez, então os bandidos levaram a menina.

O Ti Ferro levou às mãos à cabeça e minutos depois, foi atrás dos bandidos, já com os vizinhos, mas foi sem sucesso, pois os mesmo já não se encontravam naquelas imediações. Ao amanhecer, deu a participação a esquadra policial mais próxima e deixou o comunicado em todas às cadeias de comunicação. No primeiro dia, não teve nenhuma notícia, no segundo dia idem, mas ele continuava atento em todos os noticiários e com a esperança de poder voltar ver à sua filha. Passados dois dias, por coincidência, o Ti Ferro, ouvia o noticiário das onze horas e foi noticiado que em Viana, nas imediações do Quilómetro trinta, foi encontrado o corpo de uma menina com aproximadamente dez anos e na verdade, era a “virgem” Marlene, que foi estuprada, cortada o cabelo e foi abusada sexualmente até à morte pelos marginais. Ouvindo tudo isso, Ti ferro chorou amargamente.

QUANDO NÃO OLHAS PARA TRÁS

Jorginho depois de tanto tempo de sofrimento viu a vida sorrindo repentinamente, ganhou uma viatura de marca toyota corola matrícula LD 33-19 FF , de cor vermelha e mais sessenta milhões de kwanzas. Ganhou em um jogo conhecido como "Luanda da Sorte ". Anos atrás, o jovem Jorginho consumia drogas, devido às rotinas diárias com os seus amigos marginais. Ele vivia num dos subúrbios do Cazenga, na Rua cerâmica do cazenga, mas devido às repentinas recaídas dos seus pais que temiam a perda do único filho, Jorginho resolveu deixar a vida das drogas, embora ainda tendo contacto com alguns dos seus amigos marginais, porque muito deles o ajudaram na alimentação de sua casa, e em troca desta ajuda os seus amigos resolveram envolvê-lo nas vendas de drogas. Ele tinha a obrigação de aceitá-los para manter os seus pais vivos. Sua mãe era portadora de deficiência física e o seu pai ex-militar e esquecido pelo governo.

Jorginho com o medo que os seus pais soubessem que vendia drogas, mentira que trabalhava numa loja de venda a grosso de refrigerantes. Saía de casa às seis horas e voltava às vinte e duas horas, algumas vezes, não regressava e dizia aos seus pais que dormia em casa do seu chefe, porque

gostava-lhe muito, na verdade, fazia entregas de drogas pela madrugada, em algumas áreas onde faziam o consumo regular, como no bairro dos ex Combatente, Sambizanga e Mártires, quando regressava em casa dos seus pais, trazia consigo cinquenta mil kwanzas, isso quando o seu trabalho fosse de madrugada, e ganhava bónus dos seus amigos fornecedores. Ele evitava ficar o tempo em casa, mesmo quando não houvesse trabalho, pois para fugir da sua triste realidade, e não conseguia encarar à sua mãe e o seu pai. Sentia muito mal, quando pensava na possibilidade de um dia ser preso por venda de drogas, pois sabia que embora os seus pais sendo pobres, nunca deixariam de lado os ensinamentos religiosos.

Jorginho, algumas vezes chegava em casa drogado, mas nunca fez com que os pais o percebessem. Chegou assim um momento que o jovem Jorginho de vinte cinco anos de idade, resolveu deixar a vida das drogas e mentiu novamente aos seus pais dizendo que o seu patrão viajou, e resolveu ficar por muito tempo fechado em casa fugindo assim dos seus amigos.

Foram passando tempo e a sua pequena economia estava assim terminando e não tinha outra solução senão enfrentar uma pobreza extrema, até ao ponto de sua mãe portadora de deficiência física ir à estrada do primeiro de maio pedir esmola, junto do seu pai, porque o Jorginho tinha

medo dos seus amigos e recusava sair de casa. Num certo dia, Jorginho acordou muito cedo, chorava de tanta angústia e questionava a Deus, o porquê de tanto sofrimento, foi ao quarto dos seus pais, viu os seus pais dormindo na esteira e viu no carrinho de rodas de sua mãe trezentos kwanzas em moedas, num dos bolsos do carrinho, tirou e voltou ao seu quarto para dormir. No dia seguinte, pediu ao seu pai que quando levasse à sua mãe na zona onde pediam esmolas, para que no regresso passasse em uma loja que vendiam o bilhete do jogo "Luanda da Sorte".

O seu pai ingénuo da situação, apenas fez o que seu único filho pedira. Passando assim algumas horas, já com o bilhete em mão e ansioso estava o Jorginho acompanhando os números do sorteio através da televisão. A vida assim sorriu para ele! Os números do vencedor dos prémios eram idênticos com os seus. Jorginho não queria acreditar que era o vencedor, mas manteve a calma e aguardou pelo o dia seguinte para reclamar dos prémios.

Jorginho foi ao encontro da produção do jogo; foi de forma clandestina, chegando ao local das entregas dos troféus, os guardas viram chegar um homem vestido de uma calça jeans e uma t-shirt preta e um ténis velho, de cor preta e com vários remendos. Jorginho estava suando, porque não acreditava que era o vencedor de uma viatura toyota corola, matrícula LD 33-19 FF e mais sessenta milhões de kwanzas!

— Olá, boa tarde, senhor! Como estás? — Falou um dos senhores da segurança.

— Boa tarde! — Respondeu timidamente Jorginho

— Então, à tua vida mudou rapaz! És o vencedor do “Luanda da Sorte”.

— Sim, sim senhor! — Respondeu timidamente .

— Olha rapaz, dê-me à ficha do jogo e o seu bilhete de identidade!

Entregou rapidamente o Jorginho, viu de longe o seu carro e o senhor lentamente foi a busca da mala repleta de valores e a chave do carro, durou apenas dois minutos, regressou o senhor.

— Sr. Jorginho, aqui está o seu dinheiro e a chave do seu carro. Por favor, dirija-se aqui para fazermos uma foto, emocionado com aquele momento, às lágrimas não paravam de cair nos olhos de Jorginho, pela tamanha sorte, só agradecia a Deus. Depois de todo processo, os responsáveis autorizaram assim o Jorginho à ir com os prémios, saindo das instalações onde recebeu os prémios, consumido pela emoção, foi com o seu novo carro e a mala de dinheiro, onde ficava com os seus amigos marginais, chegando lentamente com o seu carro e buzina à distância, um dos seus amigos o viu.

— Wy, wyyy, aquele não é o fugitivo do Jorginho ?

Jorginho não deu tempo para se equivocarem mais, chegou de pressa em frente deles, desceu do seu novo carro.

— Então, o que se passa, estão assustado ? Não vão dizer nada? — Perguntou.

Ninguém respondeu Jorginho, entrou novamente no carro e tirou a mala de dinheiro e mostrou-os. Todos ficaram espantados.

— Xê, mô puto! Onde é que tiraste esse Kumbo?

— Não façam muitas perguntas, sobem e vamos aproveitar a vida ! — Falou Jorginho vestido de emoção.

Muitos receosos para subirem e os outros não perderam tempo, subiram e tiveram a ideia de divertirem-se na Ilha de Luanda. Já eram dezassete horas, chegando na Ilha de Luanda, um dos seus amigos, que frequentava aquele lugar, sugeriu que fossem à um lugar especial, e assim foram. Chegando lá, era na verdade uma casa de prostitutas. Um dos amigos trouxe algumas para o Jorginho e ele como adorava aquilo, aceitou e ficou divertindo-se com elas. Não passou-lhe na mente, que aquelas mulheres, para além de prostitutas, também eram assassinas. Enquanto divertia-se com às prostitutas, os seus “amigos” combinavam como matariam o Jorginho e levarem todo dinheiro.

Uma das prostitutas o seduziu e fez o convite para que a acompanhasse no quarto de banho e lá foram, só que ele não sabia que um dos seus amigos estava no quarto de banho, esperando por ele com uma faca. Em um grande estado de embriaguez por parte do Jorginho, entram no quarto de banho com a jovem e aí a mesma começou a seduzir o Jorginho; ficaram aos beijos e carícias. Depois de uma forma brusca, a mulher empurra o Jorginho e o mesmo bate com a cabeça na pia e desmaia.

Daí aparece o “tal amigo” e esfaqueia vinte vezes o Jorginho que encontrava-se naquele momento inconsciente, até ao ponto de matá-lo. Naquele momento, o único filho do casais carentes, que viviam em uma situação de extrema pobreza, acabava de ser morto, deixando assim o seu pai abandonado pelo governo e a sua mãe deficiente, foi um choque por parte dos pais quando receberam a notícia e para piorar, não tinham o conhecimento que foram os seus amigos, autores do crime e que o mesmo ganhara prémios que mudaria a vida deles.

Meses depois, o seu pai morreu depois de ver sua mulher morta vítima de atropelamento, segundo às testemunhas era o carro vermelho, de marca toyota corola e de matrícula LD 33- 19 FF, parece que os marginais foram perseguidos e por azar, embateram na pobre velha deficiente.

QUEM É A ANA?

Numa manhã fria, o bairro da Congeral estava cheia de pessoas, principalmente com homens, muitos deles acordaram cedo para contemplar a beleza e o corpo esculpido de Ana que estava jogado no chão. Ana era uma adolescente de quase dezassete anos de idade; cheia de vida e muito bonita. Tinha muito pela frente, os jovens eram louco por ela, mas não dava oportunidade a nenhum jovem daquele bairro, segundo ela ninguém aí poderia oferecer as melhores condições de vida.

Os mais velhos diziam sempre que por detrás de uma mulher bonita, há sempre um morto de fome alimentando a sua esperança de tê-la; e esse “morto de fome”, era o Raul, um rapaz inteligente, humilde com um futuro promissor, que estudava com a Ana na escola Dom Bernardo. Raul estava disposto a dar tudo, e fazer de tudo para estar com a Ana, já chegou até discutir com a sua mãe, a Tia Eva; uma das poucas senhoras que vendiam o saboroso makosso naquela altura. Ana, a menina que quando passava com a banheira na cabeça, todos murmuravam até os kotas discutiam quem poderia ter um bom emprego para ir à casa de Ana e pedir a mão dela, mas ela não interessava-se por nenhum deles; até o Raul que se sacrificava muitas vezes, mentindo aos pais da

Ana, que ela ia à escola, enquanto saía com suas amigas do São Paulo com o destino à Ilha de Luanda.

Ana nunca importou-se com à sua formação acadêmica, enquanto os seus pais lutavam para dar tudo a ela, para que nada lhe faltasse. Todos no bairro da Congeral almejavam beijar os lábios encarnados de Ana, e muitos gozavam com o Raul e chegaram a chama-lhe de panina. Na verdade, a Ana não sentia nada pelo Raul, apenas usava-o para que os seus pais, senhor Joaquim e a Tia Teté, não desconfiassem das suas fugidas na escola, porque sabiam que andava sempre com o Raul, que tinha a fama de bom rapaz, o estudioso. Ana desde muito cedo, já percebeu que tinha uma beleza incomparável. A sua beleza incomodava até às outras mulheres daquele bairro, um bairro que era repleto de maratonas, bar de rua e outras atividades.

Sempre que a rua ficava repleta de pessoas para esses eventos, dificilmente a Ana fazia-se presente, porque ela sentia-se envergonhada do bairro que a viu nascer. Ela nas suas rotinas, quando gostasse de um jovem que aparentasse ter boas condições financeiras, era suficiente para dizer que vivia na Mutamba. Foi passando tempos atrás de tempos, e os jovens do bairro da Congeral notavam que Ana já não era a mesma; sempre regressava às vinte e três horas e deixavam-na sempre em um local próximo de casa, descia sempre em carros diferentes e luxuosos. E quando chegava em sua casa os seus pais questionavam onde saía aquelas

horas e dizia que estava em casa de Raul estudando Matemática, mas na verdade, saía de outros caminhos, porque até do outro lado, já fazia muito tempo que o Raul, estava procura dela, porque já não a via. Raul preocupava-se com às frequentes saídas de Ana, pois andava com pessoas muito mais velhas, que eram às famosas amigas do São Paulo.

Com essa transformação, Ana quando vestia-se, parecia ser uma mulher de vinte e cinco anos, mas na verdade nem dezoito anos ainda tivera completado e ela passou a desrespeitar os pais com muita frequência. Um certo dia, chegou em sua casa bastante embriagada e o seu pai deu-lhe uns ralhetes, portanto, resolveu sair de casa para viver em casa de uma das suas amigas, a Regina, no São Paulo. Então, à menina que a Congeral viu nascer, ausentou-se por muito tempo.

Raul passou à ir sozinho à escola, porque à sua paixão e amada colega, foi sem dizer nada. A sua mãe Teté andava muito triste, porque às vizinhas fofoqueiras do bairro não paravam de insultá-la e os jovens que passavam o tempo a jogar “não te irrites” e bebendo algumas cervejas, já estavam com saudades de ver a Ana passar com seu gingado sedutor, que deixava-os de bocas abertas e alguns zombavam com o Raul porque todos perceberam que ele o amava muito. Raul decidiu procurar a sua amada nas ruas de São Paulo e a

encontrou num ambiente de muita diversão e rodeados de homens adultos.

Ana quando viu o seu antigo colega, resolveu ir ter com ele e pediu-o para que nunca mais voltasse a procurá-la e disse também que nunca gostou dele. Ana não imaginara que aquelas palavras eram como uma espada penetrada ao seu coração, pois ele amava-a de verdade. Saiu daquele lugar bastante desiludido com a Ana. Mas o que mais vinha em sua mente eram às últimas palavras de desprezo, ditas pela Ana. Num dos bailes realizado na rua da Congeral, os jovens voltaram a ver a Ana, mas desta vez, chegando em um carro de cor preto, de marca Lexus, acompanhada de suas amigas super atraentes e bonitas; logo, os jovens da Congeral que já admiravam a beleza de Ana, muitos deles murmuravam que está parecer uma celebridade americana, porque o tom da sua pele parecia estar bem mais visível e assim a fofoca foi se espalhando até aos adolescentes que estavam inclinados ao mundo das drogas, que eram loucos pela Ana, que quando viram-na passar deitaram os seus papéis enrolados de liamba, pareciam hipnotizados pela Ana e as suas amigas.

O baile parecia um show de um astro norte-americano; estava totalmente lotado! Os carros passavam com dificuldades, pois a multidão queria ver a “nova Ana” e as suas amigas, pois não eram todos os dias que se via uma mulher bonita e atraente naquele bairro, que era conhecido

como um bairro de bastante delinquentes que vinham do Sambizanga, Nguanhã e de outros lugares que fazem fronteiras com o bairro da congeral. Às adolescente quando viram a Ana, todas queriam estar perto dela, pois almejavam ser como ela e muitas delas já estavam ter a mania dela de não falar com nenhum jovem daquele bairro, que muitos deles não trabalhavam e passavam o dia a jogarem “não te irrites” e bebendo nas roulotés até às madrugadas. Os jovens daquele bairro, na sua maioria eram obrigados conquistarem mulheres de outros bairros como; a rua do Óscar Ribas, Nocal e outros sentiam-se obrigados à irem nos municípios de Cacucaco e Viana.

E assim divertiam-se nos bailes, a Ana e às suas amigas, percebendo, que eram o centro das atenções, pois todos os tratavam-nas como celebridades. Mas ela apercebeu-se que faltava alguém que a admirava muito; o Raul, ele ouvira que a Ana estava no bairro, embora querendo vê-la, preferiu não comparecer no evento. Já se fazia tarde, a Ana e suas amigas, tiveram que ir embora e com a saída delas, não demorou muito o pessoal todo também saiu, deixando o baile vazio. No dia seguinte, no bairro só se falava de Ana e das deslumbrantes amigas. Muitos dos homens do bairro, chegaram a comparar aquelas lindas mulheres, com as esposas, dizendo que estavam casados e vivendo com “homens iguais”, pois com a volta da Ana, viram o que realmente o que é uma mulher bonita.

Raul terminou o ensino médio e ingressou à universidade e estava assim seguir o curso de Medicina, enquanto Ana ficava famosa no seu mundo que era muito respeitada, algumas vezes tentou se preocupar com os seus pais enviando dinheiro, todas vezes que enviou foi rejeitado, e continuava a frequentar alguns bailes do bairro e aparecia sempre com carros diferentes, por vezes, acompanhada de homens que aparentavam ter uma vida luxuosa. Nessas suas idas ao seu antigo bairro, Ana nunca deparava-se com o Raul, mas queria vê-lo, para mostrá-lo como subiu na vida sem estudar. Embora o Raul ainda apaixonado pela Ana, conheceu uma menina na universidade que também era muito linda, sem a mesma saber, o Raul começou a gostar da jovem, conhecida por Maria, menina bem-educada e muito inteligente, era fã de literatura brasileira, tinha como preferida a escritora brasileira “Clarice Lispector”.

O tempo foi passando e os sentimentos foram mútuos, logo começaram a namorar. Enquanto Ana crescera e era conhecida como uma das melhores prostitutas de Luanda. O bairro da Congeral viu de forma imoral, a primeira pessoa a espalhar o seu nome em vários cantos do país, e muitos estrangeiros passaram à irem naquele bairro, em busca de mais “Anas”, e encontraram algumas que estão seguindo o mesmo caminho, na sua maioria, meninas de catorze anos, que já tinham o pensamento de ser como a Ana. Cada réplica de Ana que os jovens daquele bairro viam crescer, deixava-os stressados que os levava então a fumar liamba, beber

bastante, roubar e muitos deles tentavam fazer negócio ilícito para tentaram mostrar que têm condições para ficarem com elas, mas o tempo foi passando e só mesmo a primeira Ana, teve êxito naquele mundo.

Às suas seguidoras, na sua maioria acabaram grávidas dos jovens sem futuro, muitos deles ladrões. Algumas delas já eram viúvas embora naquela pequena idade, pois todas às semanas, aquele bairro era visitado pelos homens do Serviço de Investigação Criminal, que quando chegavam, no dia seguinte às mães daquele bairro despertavam com os olhos cansados de lágrimas. Congeral era um bairro praticamente abandonado pelo governo, pois não possuía as mínimas condições de bem-estar para os cidadãos.

Um bairro cheio de becos e era de difícil acesso para os carros que transitavam por lá. Era uma percentagem bem reduzida dos jovens que realmente almejavam grandes e boas coisas para o futuro. E dos poucos, tinha Raul que se preocupava com os estudos, muitos questionavam a vida de Raul, pois parecia ser um ser de outro planeta para aquele bairro, mas ele era um rapaz muito inteligente e mantinha-se sempre focado nos seus objectivos.

Aquele bairro viu o Raul ser licenciado e até mestrado, mas ninguém procurou seguir o seu caminho, muitos julgavam morrer sem ter dinheiro, porque eles viram o sacrifício dele. Raul continuava com a sua namorada Maria.

A maior parte queria sempre aquela vida de jogar “não te irrites” e beber até às madrugadas nas roulotas e outros roubando. Raul viu que já não tinha nada mais para fazer naquele bairro, que somente o viu nascer. Os seus pensamentos voltavam para a Ana, lembrando daquele tempo de adolescente que tinham uma boa relação, pois ela não estava por perto para ver à sua ascensão na vida. O tempo foi passando e a Ana já não era assim tão bonita quando jovem, os seus clientes começaram a ir procurar às mulheres mais jovens. Uns até diziam que ela já estava velha demais para aquele trabalho.

O mundo dela começou a perder chão. Ana viu sua amiga Regina de longa data a morrer com o vírus do Sida; daí ela deixou o bairro São Paulo, porque já não tinha dinheiro suficiente para pagar a renda da casa e foi assim viver num dos bairros do Sambizanga. Ana passava o tempo todo nas pequenas discotecas e deitava-se com clientes de baixa renda, diferentes de uns tempos atrás que só era cobiçada por homens ricos. No bairro da Congeral, continuavam com os bailes, mas nunca viam mais a Ana, mas o bairro continuava com réplicas de Ana, mesmo elas não conhecendo-a e muitas delas desconheciam a actual situação de vida que passava a Ana; na mente daquelas adolescentes, viam os pensamentos de serem como a Ana, andar em vários carros de luxo e vestir roupas da moda.

Quando Raul voltava no bairro da Congeral, nunca mais ouviu falar de sua amada de infância, só deparava-se com meninas que tentavam ser como Ana; muitas delas queriam namorar com Raul, porque se aperceberam que Raul é um doutor famoso e que tinha agora muito dinheiro, mas Raul nunca aceitou nenhuma menina daquele bairro que antes só riam dele e os jovens que muito o zombavam, acabaram por serem os lavadores dos seus carros, quando ia visitar os seus pais. Numa manhã fria, no bairro Congeral, aquela terra repleta de pedras e carros estacionados, viu sangue escorrendo vindo da sua filha Ana, que há tempos deixava os jovens loucos e muitos deles brigavam por ela, que fazia os kotas brigarem com às suas mulheres e que incentivava os jovens a fazerem negócios ilícitos e que por pouco acabava com o sonho do Raul.

O corpo estava aí, esperando pelo primeiro telespectador. Foi então o velho Moniz, um dos taxistas do bairro, viu o corpo estendido no chão e logo naquele local, começou a encher. O povo não acreditara que aquela jovem estendida no chão, era a Ana, estava irreconhecível! Logo chamaram à sua mãe. Tia Teté ao chegar não queria acreditar que aquela jovem morta era a sua filha. Só chorava, revirando-se no chão, com choros de lamentos. Alguns diziam que morreu a rainha da Congeral, às pequenas que queriam ser como ela não acreditavam no que viam, alguns fofoqueiros sorriam nos cantos, mas ninguém fazia nada para retirar daí o corpo e investigarem quem teve coragem

de fazer aquela coisa. E no meio daquela multidão, chega o Raul e aproxima-se; depois de tantos anos, aquele foi o reencontro mais triste de sua vida, pois, viu a Ana deitada, rodeada por muita gente, ele queria chorar, mas foi forte porque sabia que nada mais poderia fazer e embora sendo médico, ficou traumatizado com aquela situação.

Tudo parecia que a Ana tivera sido violada e espancada brutalmente. Em seguida, Raul liga para os seus colegas do hospital, à fim de poderem levá-la com urgência à uma unidade hospitalar mais próximas, e minutos depois, apareceu o carro de ambulância e levaram-na. Chegando ao hospital, foi um dia negro para o bairro Congeral, a única notícia, era mesmo a morte de Ana, que foi encontrada desfigurada, com hematomas e sangue seco em direcção do órgãos genitais e muitos mais velhos diziam que era tão jovem para morrer daquele jeito; lamentavam muito, pois foi uma morte que mexeu com o bairro todo e alguns bairros vizinhos.

Era inacreditável para alguns jovens verem a Ana naquele estado. Raul responsabilizou-se em custear o funeral. E no enterro, parecia ser mais de uma artista ou uma celebridade de renome; não havia quase espaço para às pessoas, pois naquele lugar juntou-se muitas gerações; todos queriam dar o último adeus a rainha do bairro da Congeral.